


A INTERAÇÃO SOCIAL NAS TEORIAS DE ERVING GOFFMAN E PIERRE BOURDIEU

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-185>

Data de submissão: 23/09/2024

Data de publicação: 23/10/2024

Hélio Vieira Júnior

Doutor em Sociologia (UFSCAR)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: heliojr@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0435-5392>

Ilza Rodrigues Pereira Lucena

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Área: Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: ilza.lucena@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5854-8852>

Oseias Carmo Neves

Doutor em Ciência Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: oseias@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6087-6678>

Evandro José Heck

Mestrando do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: evandro.heck@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8011-1882>

Fabiana de Lima Dias

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus
Universitário de Sinop
Vera, Mato Grosso, Brasil
E-mail: lima.dias@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3219-0943>

Francy Laura de Moraes

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus
Universitário de Sinop
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: francy.moraes@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8212-8321>

Mariza Kreiner

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus
Universitário de Sinop
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: mariza.kreiner@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1589-0597>

Renata Lucia Maluf

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus
Universitário de Sinop
Juara, Mato Grosso, Brasil
E-mail: renata.maluf@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2971-6394>

RESUMO

A escolha pela temática justifica-se pela relevância e amplitude que o tema carrega e pela necessidade de aprofundar o debate sociológico sobre a interação social. Discussões acerca do espaço não são recentes e diversos são os aportes teóricos e metodológicos possíveis. Este artigo tem como principal objetivo discutir dois modelos teóricos contemporâneo que buscam analisar a dimensão sociológica e comparar as teorias de Erving Goffman e Pierre Bourdieu sobre interação social do indivíduo nos grupos. Primeiramente, serão apresentadas as principais contribuições de cada teórico no campo educacional. Em seguida, será feita uma comparação crítica entre as teorias sobre a interação social do indivíduo nos grupos, destacando as convergências e divergências dos teóricos em questão.

Finalmente, as considerações finais refletirá sobre a relevância dessas teorias para a compreensão contemporânea no campo da educação e da integração social. É adequado apontar que as abordagens de Goffman e Bourdieu convergem, dentre outros, no sentido de direcionarem seus olhares para as minúcias da vida social, às situações do cotidiano que inicialmente podem parecer “naturais”, mas que, sob o olhar sociológico, podem revelar sobre as dinâmicas sociais (reificações).

Palavras-chave: Erving Goffman, Pierre Bourdieu, Educação, Interação Social.

1 INTRODUÇÃO

A ideia deste artigo surgiu durante as aulas da disciplina de Teorias das Ciências Sociais do Mestrado Profissionalizante de Sociologia (PROFSOCIO) da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT/SINOP-MT), no primeiro semestre de 2024. A proposta central é a de atender a avaliação final, sugerida pelo professor da referida disciplina, na intenção de avaliar a capacidade de desempenho na compreensão de textos e desenvolvimento da escrita dos mestrandos. Nessa perspectiva para esse artigo foi escolhido analisar a teoria da interação social de dois autores da Sociologia Contemporânea: Erving Goffman e Pierre Bourdieu.

A interação social refere-se a um conceito central na sociologia, onde apresenta o processo pelo qual os indivíduos e grupos se conectam, tornando-se parte integrante de uma comunidade ou sociedade já existente, com suas características sociais, econômicas, culturais e políticas relacionadas, porém em constante mutação. Este processo envolve a internalização de normas, valores e práticas que promovem a conexão e a convivência harmônica. A compreensão de como a interação social ocorre é sustentada pela coesão, marginalização e mudança essencial para inclusão do indivíduo independente de suas necessidades e desejos em um contexto já existente.

Nesse sentido, as contribuições de Erving Goffman e Pierre Bourdieu, embora partilhem da crítica ao determinismo das teorias funcionalistas e estruturalistas, oferecem abordagens distintas para compreender como os indivíduos agem e interagem dentro da sociedade. Goffman, com sua análise microssociológica, enfoca o nível das interações face a face, explorando como as pessoas, através de performances sociais, ajustam seus comportamentos de acordo com as expectativas culturais e sociais do momento. Já Bourdieu, em uma abordagem macrossociológica, introduz conceitos como habitus, capital e campo para explicar como as práticas e escolhas individuais são condicionadas por estruturas sociais mais amplas, como classe e poder. Este artigo busca comparar as perspectivas desses dois teóricos, explorando como suas ideias se complementam na compreensão das interações sociais, ao mesmo tempo em que destacam a relação dinâmica entre a ação individual e as forças sociais estruturais. Além disso, ambos fornecem ferramentas importantes para entender as interações no ambiente educacional, seja pela gestão de impressões nas interações diárias (Goffman, 1959) ou pela análise das estruturas que moldam o acesso e as oportunidades educacionais (Bourdieu, 2007).

2 AS PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS NAS TEORIAS DE ERVING GOFFMAN E PIERRE BOURDIEU

Frese (2008), argumenta que a abordagem de Goffman em relação aos aspectos sociológicos da Educação, é distintiva por seu foco na microssociologia e na interação face a face. Ele ofereceu uma

visão única sobre como as normas e expectativas sociais influenciam o comportamento individual. Suas teorias sobre a "interação ritual", "estigma" e "encenação", continuam a influenciar o campo da sociologia e são frequentemente aplicadas em estudos de comunicação, psicologia social, ciências comportamentais, dentre outros. O que é evidenciado pelo fato de suas obras serem amplamente citadas e suas ideias sobre a interação social incorporadas em várias disciplinas. Ele é considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX, e seu trabalho continua a ser uma referência essencial para estudantes e pesquisadores da área.

Erving Goffman nasceu em 1922 e, ao longo de sua vida, se tornou um dos pesquisadores mais influentes e citados nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, sendo altamente reconhecido por suas contribuições acadêmicas. Ele começou sua formação no Canadá, na Universidade de Manitoba em 1939, depois se transferiu para a Universidade de Toronto, onde se formou em Sociologia e Antropologia, em 1945. Mais tarde, obteve seu doutorado na Universidade de Chicago, em 1953, com uma tese sobre a organização social de uma ilha nas Hébridas Ocidentais, que inspirou seu primeiro livro, “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” (Nizet; Rigaux, 2016).

Após a conclusão de seu doutorado, Goffman começou sua carreira acadêmica na Universidade de Chicago, como professor assistente. Em 1958, ele mudou-se para a Universidade da Califórnia, Berkeley, onde se tornou professor titular em 1962. Em 1968, Goffman ingressou na Universidade da Pensilvânia como professor, onde também serviu como diretor do Departamento de Sociologia. Ele foi presidente da Associação Americana de Sociologia em 1981, o que demonstrou seu impacto na disciplina (Nizet; Rigaux, 2016).

Goffman (2011), é amplamente reconhecido por sua abordagem inovadora à análise da interação social, especialmente através do conceito de 'dramaturgia social'. Em sua obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” (1959), utiliza a metáfora do teatro para explicar como as pessoas se comportam em sociedade. Ele argumenta que, no cotidiano, os indivíduos atuam como se estivessem em uma peça de teatro, apresentando-se de maneiras específicas para causar boas impressões nos outros. Na obra citada, descreve as interações sociais como performances teatrais, onde as pessoas desempenham papéis, utilizam cenários, vestimentas e gestos, tudo com o objetivo de construir uma imagem favorável. Essas performances mudam conforme o contexto e o público, e as pessoas ajustam seus comportamentos para corresponder às expectativas sociais.

As obras de Goffman se manifestam em diversas linguagens de exploração que atravessam várias áreas da educação, principalmente a antropologia e a sociologia. Embora suas contribuições sejam frequentemente associadas ao "interacionismo simbólico" norte-americano, é importante destacar que seus estudos se inserem no campo da microsociologia, privilegiando a coleta de dados

por meio da observação do outro, o método que ele denomina "etnografia séria" (Goffman, 2011). Essa abordagem, baseada em fatos e observações, é narrada a partir da perspectiva do status vivenciado pelo indivíduo, através de sua lente teórica nos ensaios. Goffman (2011) desenvolve a sociologia das interações face a face, destacando como as pessoas constantemente gerenciam suas representações para se integrar socialmente e como a dinâmica do controle de impressões influencia o comportamento e a organização social, assegurando que todos apresentem uma imagem harmoniosa e consistente ao público, através de práticas conscientes e inconscientes, gerenciando suas representações sociais e mantendo a ordem e a coesão em suas interações cotidianas.

Além da obra citada acima, Goffman, publicou várias outras obras: "Asilos: Ensaio sobre a situação social de pacientes mentais e outros internos" (1961): que faz uma análise profunda das instituições psiquiátricas e das dinâmicas de poder e estigma dentro delas. Este trabalho é um estudo de como as instituições moldam o comportamento e a identidade dos indivíduos. "Estigma: notas sobre a gestão da identidade estragada" (1963): examina como as pessoas administram suas identidades e a questão do estigma social, abordando como a sociedade lida com indivíduos que têm "identidades deterioradas". "Análise de Quadros: Um Ensaio sobre a Organização da Experiência" (1974): Introduce o conceito de "frames" como estruturas cognitivas que as pessoas usam para compreender e responder às situações sociais. "Formas de Fala" (1981): Coleta de ensaios que exploram a comunicação verbal e não verbal, e como diferentes formas de discurso estruturam as interações sociais.

Goffman (2011), aborda as interações sociais por meio de uma análise etnográfica, enfatizando a importância de observar, ouvir e entender o que acontece ao nosso redor. Ele argumenta que o foco do estudo não deve ser o indivíduo e sua psicologia, mas as relações que se formam entre pessoas que estão mutuamente presentes. Com um olhar aguçado e um senso de ironia, Goffman desvendou muitas das suposições que temos sobre nós mesmos e os outros ao nosso redor.

Goffman (1959), não escreveu diretamente sobre educação, mas suas teorias e análises sociológicas podem ser aplicadas ao campo educacional, especialmente no que diz respeito à interação social nas salas de aula e nas instituições educacionais. No ambiente escolar, as ideias de "interação social como uma performance" que o autor descreve, podem ser aplicadas ao comportamento de professores e alunos, que eles desempenham conforme as expectativas dos papéis sociais - o professor como mediador e transmissor de conhecimento e os alunos como receptores que devem mostrar envolvimento e interesse as aulas.

Por outra perspectiva, Pierre Bourdieu, nascido em 1930 e falecido em 2002, reconhecido como um dos sociólogos mais proeminentes do século XX, que adota uma abordagem mais estrutural e macrosociológica, deixou uma marca profunda na sociologia da educação e grande influência. De

origem francesa e campesina, graduou-se em filosofia e suas contribuições são focadas nas áreas do conhecimento, incluindo a antropologia, sociologia e educação. Além de pesquisador, ele atuou como professor universitário na França, Estados Unidos e Inglaterra.

Entre os principais intelectuais que marcaram sua trajetória intelectual estão: (1) Karl Marx, do qual Bourdieu adotou o conceito de "capital", mas expandiu-o para além do econômico, criando as noções de capital cultural, social e simbólico. Ele também foi influenciado pela ideia de luta de classes, adaptando-a para refletir lutas por poder simbólico e cultural; (2) Max Weber, em sua teoria sobre poder e dominação influenciou Bourdieu, especialmente em sua análise sobre o poder simbólico e as formas de legitimação; (3) Émile Durkheim contribuiu com seu enfoque sobre a importância das estruturas sociais e suas funções também foi uma influência importante para Bourdieu, que se preocupava em entender como as instituições perpetuam desigualdades sociais; (4) Claude Lévi-Strauss em sua antropologia estruturalista influenciou Bourdieu, que absorveu a ideia de que as estruturas sociais invisíveis moldam as ações humanas, ainda que Bourdieu tenha criticado o estruturalismo por negligenciar a agência individual; (5) Jean-Paul Sartre e o existencialismo, especialmente a noção de liberdade individual e o conceito de prática, influenciou Bourdieu, ainda que ele tenha criticado o individualismo extremo do existencialismo, optando por uma abordagem que balanceava estrutura e agência; (6) E Maurice Merleau-Ponty, em sua fenomenologia focada na experiência vivida e na percepção corporal, impactou a compreensão de Bourdieu sobre como os indivíduos internalizam práticas sociais por meio do habitus. (Thomé e Ferreira (2019)¹.

Suas ideias e teorias abrangem uma diversidade de conceitos que ainda hoje são fundamentais para entender as dinâmicas sociais e educacionais. Segundo Nogueira e Nogueira (2002), a partir dos anos 1960 Bourdieu formulou uma resposta original e abrangente, teórica e empiricamente fundamentada para o problema das desigualdades escolares, tornando-se um marco na Sociologia da Educação e no pensamento educacional global. Até meados do século XX, prevalecia uma visão otimista e funcionalista, que atribuía à educação um papel central na superação da desigualdade social, do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios das sociedades tradicionais. Esperava-se que uma escola pública e gratuita resolvesse o problema do acesso à educação, garantindo, em princípio, a igualdade de oportunidades para todos. Nessa visão, a escola seria uma instituição neutra, que transmitiria conhecimento de forma objetiva e selecionaria seus alunos com base em critérios racionais, permitindo que os mais talentosos avançassem e ocupassem posições superiores na sociedade, promovendo uma sociedade justa, meritocrática, moderna e democrática.

¹ THOMÉ, Elias; FERREIRA, Luciana (orgs.). Bourdieu e a Sociologia Brasileira: Teoria e Prática. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

[...] Os anos 60 marcam a chegada ao ensino secundário e à universidade da primeira geração beneficiada pela forte expansão do sistema educacional no pós-guerra. Essa geração, arregimentada em setores mais amplos do que os das tradicionais elites escolarizadas, vê – em parte, pela desvalorização dos títulos escolares que acompanhou a massificação do ensino frustradas suas expectativas de mobilidade social através da escola. A decepção dessa “geração enganada”, como diz Bourdieu, alimentou uma crítica feroz ao sistema educacional e contribuiu para a eclosão do amplo movimento de contestação social de 1968 (Nogueira e Nogueira, 2002, p:17).

Para demonstrar o processo de reprodução das estruturas sociais por meio da escola, Bourdieu elabora uma tipologia com três categorias de capital - capital econômico, capital cultural, capital simbólico. De acordo com Bourdieu (2007), o capital econômico refere-se aos recursos financeiros e materiais que uma pessoa possui. Já o capital cultural é as qualificações intelectuais e culturais adquiridas através da educação e da família, e pode ser subdividido em três categorias: incorporado (habilidades e competências pessoais), objetivado (bens culturais como livros e obras de arte) e institucionalizado (diplomas e títulos acadêmicos). O capital social, é a rede de relações sociais e conexões que uma pessoa possui. O poder simbólico inclui prestígio, honra e reconhecimento social. A educação, em vez de ser vista como um agente de transformação social, frequentemente é um campo onde as desigualdades são reificadas, reforçando uma estrutura social existente que favorece aqueles de classes sociais mais altas. Bourdieu (2007) apresenta uma crítica profunda à função da educação na sociedade, desafiando a ideia de que ela é um espaço de mobilidade social e democratização.

[...] para Bourdieu, o conceito de habitus constitui o eixo central, sendo sua compreensão fundamental para a exploração das questões que envolvem a produção, a difusão e a apropriação de conhecimentos em perspectiva teórica e metodológica crítica, o que supõe não uma espécie de adesão às ideias do autor, mas um comprometimento com a reflexão a partir do estudo de contextos e práticas dos atores sociais. Tendo em vista estas primeiras demarcações, cabe indagar a partir de que contextos e questões se constroem na obra do sociólogo caminhos teóricos e metodológicos para o estudo das condições sociais de produção da cultura, do conhecimento e da informação (Marteletto, 2017, p. 31).

O conceito de habitus para Bourdieu, apud Marteletto (2017), é fundamental para compreender como as práticas sociais são estruturadas e reproduzidas. O habitus pode ser entendido como um conjunto de disposições internalizadas que orientam o comportamento e as percepções dos indivíduos dentro de um campo social específico. Ele é moldado pelas condições sociais em que o indivíduo está inserido, mas também influencia ativamente a maneira como os indivíduos interpretam e respondem ao mundo ao seu redor. Compreender o habitus é essencial para explorar criticamente a produção e apropriação de conhecimento, cultura e informação, ele não apenas molda como os indivíduos agem, mas também como eles pensam e percebem o mundo, influenciando diretamente a maneira como o conhecimento é produzido e difundido.

Segundo Bourdieu (1980), apud Marteleto (2017) [...] contra o materialismo positivista, a teoria da prática, enquanto prática, lembra que os objetos do conhecimento são construídos, e não passivamente registrados, e, contra o idealismo intelectualista, que o princípio dessa construção é o sistema de disposições estruturadas e estruturantes que se constitui na prática e que é sempre orientado para funções práticas.

A contribuição de Bourdieu a partir dos anos de 1960, se tornou um ponto de referência na Educação e influenciou o pensamento e a prática educacional em todo o mundo. Até o século XX, as Ciências Sociais, influenciadas pelo funcionalismo, viam a educação como um meio para superar problemas econômicos e sociais, acreditando na capacidade de uma escola pública gratuita de garantir igualdade de oportunidades. Nesse contexto, a escola era considerada uma instituição neutra que proporcionaria condições justas para que os cidadãos competissem, permitindo que os mais talentosos ascendessem socialmente por mérito. Assim, a educação deveria selecionar alunos com base em critérios individuais, promovendo uma meritocracia.

Na perspectiva de Bourdieu, (1980) apud Marteleto (2017), o capital cultural é um dos principais fatores que explicam a reprodução das desigualdades sociais através da educação. Conforme afirmamos anteriormente, o capital cultural refere-se a um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e disposições, adquiridos principalmente no ambiente familiar e que são valorizados e reconhecidos nas instituições educacionais. Ele se manifesta de três formas:

Tabela 1 – As três formas de capital cultural de Bourdieu

Incorporado	Refere-se aos conhecimentos, habilidades, disposições e maneiras de agir e pensar que uma pessoa adquire ao longo de sua vida, principalmente durante o processo de socialização, desde a infância. Esse tipo de capital cultural não pode ser transmitido diretamente ou comprado, mas é interiorizado gradualmente por meio da convivência familiar, da educação e da interação com o ambiente social. Ele se manifesta, por exemplo, no domínio da linguagem, na postura, nos gostos culturais e no estilo de vida. Por ser incorporado é duradouro e tende a influenciar a maneira como a pessoa se relaciona com o mundo, suas oportunidades e sua posição social.
Objetivado	Refere-se aos bens materiais que possuem valor cultural, como livros, obras de arte, instrumentos musicais, e outros objetos que carregam conhecimentos e significados culturais. Esses itens são formas concretas de capital cultural que podem ser possuídas, trocadas ou transmitidas, mas seu valor não está apenas em sua posse, mas também na capacidade de utilizá-los específicos.

Institucionalizado	<p>Refere-se ao reconhecimento formal das habilidades e conhecimentos de uma pessoa, geralmente por meio de diplomas, certificados e títulos acadêmicos. Esse tipo de capital cultural é conferido pelas instituições educacionais (escolas, universidades) e valida oficialmente as competências adquiridas ao longo da vida escolar. O capital cultural institucionalizado é reconhecido por toda a sociedade, o que facilita comparações e classificações entre indivíduos.</p>
--------------------	--

Fonte: elaboração própria

Bourdieu (1980), argumenta que as escolas tendem a valorizar e recompensar o capital cultural das classes mais privilegiadas, o que favorece a reprodução de sua posição social. Os alunos provenientes de famílias com maior capital cultural têm mais facilidade para assimilar os conteúdos escolares, pois o que é ensinado na escola está mais alinhado ao que já vivenciam em casa. Assim, a educação em vez de ser um meio de ascensão social, acaba reforçando as desigualdades existentes, pois aqueles com menos capital cultural, geralmente de classes menos favorecidas, encontram mais obstáculos para progredir.

3 AS PERSPECTIVAS DE ERVING GOFFMAN E DE PIERRE BOURDIEU NA INTERAÇÃO SOCIAL

Goffman (1974) apud Bodart (2014), enfatiza a relevância de uma abordagem microssociológica, centrada nas interações face a face, afirmando que o nível micro não determina o nível macro em relação às estruturas sociais mais amplas, nem tampouco ocorre o contrário; em vez disso, há uma interconexão entre essas duas dimensões, onde as convivências são profundamente influenciadas por estruturas sociais mais amplas, que são constantemente reproduzidas e legitimadas. No entanto, a disposição de um indivíduo para participar da interação social, depende de fatores que vão além da esfera pessoal, estando relacionados ao contexto e ao ambiente em que ocorre. Na análise dessas microestruturas (frames), a ideia de estrutura parece estar delimitada a um local muito específico, como uma sala, uma universidade, um auditório.

Por sua vez, Bourdieu (1989) centra-se numa análise estrutural das relações sociais, portanto de caráter macrossociológica, com auxílio de conceitos como habitus, capital e campo. O habitus influencia como vemos e reagimos ao mundo, garantindo uma continuidade cultural e social, enquanto o capital contribui para a posição de um indivíduo no campo social e pode ser convertida, até certo ponto, em privilégio para o indivíduo na sociedade. Já o campo é um espaço social relativamente autônomo, onde os indivíduos e grupos competem por diferentes formas de capital. Bourdieu (1989), utiliza a metáfora do jogo para descrever como os campos sociais funcionam - cada campo tem suas próprias regras, atores, formas de capitais valorizados e lutas internas. Dessa forma, percebemos

diferentes campos na sociedade, como o campo artístico, o campo acadêmico, o campo político, entre outros, onde os participantes têm diferentes níveis de competência e recursos, e as posições de poder são disputadas de acordo com as regras implícitas do campo.

Goffman (1959) e Bourdieu (1989) se dedicam a compreender como as interações sociais que moldam o comportamento dos indivíduos nas atividades públicas é uma progressão de exposições onde as pessoas atuam em vários papéis para causar impressões positivas.

Segundo Lopes (2009), Goffman e Bourdieu criticam o funcionalismo e o estruturalismo radical porque ambos paradigmas acabam por simplificar o comportamento humano, tratando as ações dos indivíduos como resultado direto de estruturas rígidas e fixas. Para Goffman (1959), as interações sociais são dinâmicas e situacionais, por isso critica aqueles paradigmas porque acredita que eles tratam o mundo social como se fosse uma coisa fixa, um objeto imutável que não considera a complexidade e a variabilidade do comportamento humano, sendo que cada pessoa desempenha um "papel" de acordo com o contexto específico. A sociedade não pode ser reduzida a estruturas estáveis ou previsíveis, pois a ação dos indivíduos é influenciada pela situação social imediata. Bourdieu (1996), por sua vez, argumenta que, embora existam estruturas sociais, os agentes sociais não são passivos, eles têm capacidade de agir e transformar as condições que os rodeiam. Segundo o autor, os indivíduos têm disposições internalizadas que guiam suas ações, mas também são capazes de inovar e responder às circunstâncias de maneiras não totalmente determinadas pela estrutura social. Destarte, tanto Goffman (1959) quanto Bourdieu (1996), defendem uma visão menos determinista e mais complexa sobre como as pessoas agem e interagem na sociedade.

Segundo Silva (2013), um ponto importante para compreender a teoria de Bourdieu é sua crítica ao subjetivismo e objetivismo. O subjetivismo defende que nossas ações são delimitadas por experiências imediatas e preferências individuais, dando grande autonomia ao sujeito, ou seja, essa perspectiva concede ênfase excessiva às representações, escolhas e ações individuais. Bourdieu (1989) critica essa visão argumentando que ela superestima a consciência e autonomia dos indivíduos. Ele aponta suas limitações afirmando que essa visão não leva em conta as condições objetivas que influenciam a experiência subjetiva, no entanto atribui aos indivíduos uma autonomia e uma consciência exagerada em relação às suas ações e interações sociais. Por outro lado, o objetivismo propõe que nossas ações são subordinadas às estruturas sociais, que determinam nosso comportamento. Bourdieu (1989) apud Silva (2013), critica o objetivismo apontando que essa perspectiva não explica adequadamente como as estruturas sociais influenciam as ações individuais.

Já Goffman (1959) entende que o sujeito, em suas interações sociais, age subjetivamente ao moldar e controlar suas apresentações. Entretanto, essas ações não ocorrem em um vazio, elas são

enquadradas por normas e expectativas sociais objetivas que influenciam como os indivíduos devem se comportar. Assim, a teoria de Goffman (1959) reconhece tanto a ação individual (subjetivismo) quanto as estruturas sociais reguladoras (objetivismo) que orientam as interações sociais do indivíduo.

A título de exemplo, Bourdieu (1979), por meio de suas pesquisas, procura demonstrar como o gosto cultural está ligado às estruturas de classe e como as práticas culturais servem para distinguir, reproduzir desigualdades, reforçar hierarquias sociais e que as preferências estéticas e culturais (como o gosto por certos tipos de arte, música, literatura, etc.) não são apenas individuais, mas profundamente condicionadas pela posição social do indivíduo. Ele aponta como padrões culturais são perpetuados por sistemas de classificação e como indivíduos usam o gosto para distinção social, aplicando uma metodologia que combina pesquisa empírica e teoria sociológica. Já Goffman (1959) oferece uma explicação de como as práticas culturais influenciam a interação social a partir da ideia de "performances" que as pessoas realizam no dia a dia desempenhando papéis, como se estivessem atuando em um palco, em um processo que ele chamou de "encenação" ou "representação". Essas performances são guiadas por normas e expectativas culturais que define como alguém deve se comportar em diferentes contextos sociais. As expectativas culturais funcionam como "scripts" que os indivíduos seguem ao se relacionarem com os outros. Esses "scripts" variam de acordo com a situação social e o grupo ao qual pertencem, e moldam a maneira como as pessoas expressam quem são ou como desejam ser percebidas.

O prazer ou desprazer que um encontro social gera para um indivíduo, e a afeição ou hostilidade que ele sente pelos participantes, podem ter mais do que uma relação com sua compostura ou falta dela. Elogios, aclamações e recompensas repentinas podem colocar o receptor num estado de confusão alegre, enquanto uma discussão acalorada pode ser provocada e mantida com o indivíduo sentindo-se composto e em controle total de si o tempo todo (Goffman, 2011, p. 99, apud Aguiar, 2021, p. 3).

Goffman (2011), referenciado na citação acima, revela uma profundidade na forma como ele compreende as interações sociais. Ele reconhece que as emoções e os sentimentos, durante os encontros sociais, são moldados por um conjunto variado de fatores, incluindo expectativas culturais, normas sociais e as próprias reações emocionais internas. A capacidade dos indivíduos de manter a compostura, mesmo em situações desafiadoras, demonstra o papel crucial que o autocontrole e a gestão emocional desempenham nas relações. No entanto, Goffman (2011) também sugere que os sentimentos de prazer ou desprazer não são necessariamente um reflexo direto da perda ou manutenção da compostura, mas sim respostas complexas à natureza dinâmica das interações sociais.

Tanto Bourdieu quanto Goffman nos mostram que a ação individual não é totalmente autônoma, nem completamente determinada por fatores externos. Bourdieu foca nas forças sociais e

estruturas que influenciam o comportamento das pessoas, como classe, cultura e poder, que limitam ou orientam suas escolhas. Goffman, por sua vez, enfatiza como os indivíduos, dentro dessas limitações, ajustam suas atitudes e comportamentos para controlar como são percebidos por outros em interações específicas. Assim, ações dos indivíduos são moldadas pelas regras sociais, mas também adaptadas às situações do momento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Erving Goffman e Pierre Bourdieu oferecem perspectivas complementares para a compreensão da educação. Goffman, com sua abordagem focada nas interações sociais cotidianas e na "dramaturgia social", permite uma análise detalhada de como professores e alunos desempenham papéis sociais dentro das instituições educacionais. Sua microssociologia revela como as expectativas e normas sociais moldam as dinâmicas escolares. Por outro lado, Bourdieu oferece uma visão mais ampla, destacando as desigualdades estruturais presentes na educação, onde o habitus, os capitais econômicos, culturais e sociais influenciam as oportunidades e o sucesso escolar. Sua crítica à ideia de que a escola é um agente de mobilidade social destaca-se como, na prática, ela pode perpetuar desigualdades. Integrando essas perspectivas, é possível ter uma análise abrangente das interações e estruturas que moldam a educação, tanto no nível individual quanto nas estruturas sociais.

As teorias de Goffman e Bourdieu também oferecem perspectivas complementares sobre a interação social, ao abordar diferentes níveis de análise. Goffman, com sua abordagem microssociológica, destaca a centralidade das interações face a face, onde os indivíduos desempenham "performances" para influenciar as percepções dos outros, ajustando-se às expectativas sociais. Ele entende que as ações humanas são dinâmicas e situacionais, enfatizando a importância dos "scripts" culturais que orientam como as pessoas se comportam em contextos específicos, mas reconhecendo a agência do indivíduo em moldar suas apresentações.

Por outro lado, Bourdieu oferece uma visão macrossociológica, mais estruturada, centrada em conceitos como habitus, capital e campo, que explicam como as práticas culturais e sociais são profundamente influenciadas pelas estruturas de classe e pelos recursos simbólicos e materiais disponíveis. Para ele, as ações dos indivíduos são, em grande parte, moldadas por essas estruturas, mas os agentes sociais também possuem capacidade de inovar e transformar seu entorno. A metáfora do "jogo" aplicada por Bourdieu ilustra como os indivíduos competem por diferentes formas de capital nos campos sociais, onde as regras e os valores variam conforme o contexto.

Ambos os autores compartilham a crítica ao determinismo estruturalista e funcionalista, sublinhando que a ação humana não pode ser reduzida a meras respostas automáticas às estruturas

sociais. No entanto, divergem na ênfase: Goffman explora o controle individual na interação imediata, enquanto Bourdieu se concentra nas forças sociais mais amplas que moldam o comportamento. Em síntese, a interação social, sob as lentes de Goffman e Bourdieu, é um processo complexo que resulta tanto das normas sociais quanto da habilidade dos indivíduos de agir dentro das condições estruturais, ajustando-se às demandas situacionais e contextuais.

A adequação de cada abordagem depende da circunstância e dos objetivos da pesquisa. A análise de Goffman é a mais apropriada para se concentrar em interações regulares e gerenciamento de impressões em ambientes específicos, onde a percepção detalhada do modo individual de comportamento é fundamental. Por outro lado, a abordagem de Bourdieu é melhor para análises que exigem uma compreensão profunda das estruturas sociais, dinâmicas de poder e desequilíbrios sistêmicos, e é especialmente útil em investigações de políticas públicas, educação e desigualdade econômica e cultural.

Integrando as contribuições de Goffman e Bourdieu, os pesquisadores podem obter uma compreensão mais ampla das interações e estruturas sociais. O uso do conjunto dessas teorias permite uma análise que considera tanto os detalhes das interações cotidianas, conforme exploradas por Goffman, quanto as forças estruturais mais amplas que influenciam essas interações, destacadas por Bourdieu. Essa abordagem combinada oferece conhecimentos importantes para a formulação de estratégias, mediação social e compreensão de dinâmicas sociais. Perceber as forças e os impedimentos de cada abordagem considera um uso mais vigoroso de teorias sociológicas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Camile de Araujo; CARVALHO, Eva Laura Silva Fortes de; SANTOS, Leilane dos. A ordem da interação: perspectivas teóricas clássicas para pensar a (não) atuação do indivíduo nos espaços políticos participativos. *Rohleder Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 17323-17334, fev. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24972/19912>. Acesso em: 07 out. 2024.
- BODART, Cristiano. A ordem da interação: perspectivas teóricas clássicas para pensar a (não) atuação do indivíduo nos espaços políticos participativos. *Revista Urutágua*, n. 30, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/21790/13390>. Acesso em: 07 out. 2024.
- BOURDIEU, Pierre; MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros (orgs.). *Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus Editora, 1996.
- FREHSE, Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 1959.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 2011.
- GOFFMAN, Erving. Acalmando o Otário: alguns aspectos de adaptação à falha. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, 2009.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. Bourdieu e Goffman: um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 389-407, 2009.
- MARTELETO, L. R. *Formação de professores: reflexões sobre as práticas pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2017.
- NIZET, Jean; RIGAUX, Natalie. *A sociologia de Erving Goffman*. Petrópolis: Vozes Limitada, 2016.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 78, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2024.

SILVA, José Alexandre; CERRI, Luis Fernando. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. Revista Linhas, 2013.

THOMÉ, Elias; FERREIRA, Luciana (orgs.). Bourdieu e a Sociologia Brasileira: Teoria e Prática. São Paulo: Editora Unesp, 2019.